

Panorama historiográfico do ceticismo renascentista: 1997-2007

JOSÉ RAIMUNDO MAIA NETO

(UFMG, CNPq). E-mail: jrmaia@ufmg.br

Muito me honra o convite dos editores de *Sképsis* para contribuir com um artigo para o número inaugural desta revista. O artigo de certa forma contribui para a justificação da criação da revista, em primeiro lugar por mostrar a atualidade dos estudos sobre um período central da história do ceticismo, o Renascimento, quando esta filosofia antiga é retomada de maneiras e em contextos tais que se mostraram decisivos para a sua grande importância na filosofia moderna e contemporânea. Em segundo lugar por apontar a contribuição específica significativa nestes estudos de pesquisadores brasileiros, cujo trabalho em colaboração sobre o ceticismo tornou possível e dará sustentação à nova revista.

O objetivo deste artigo é examinar em linhas gerais a historiografia recente do ceticismo renascentista, apontando suas principais tendências. Começo, porém, com uma breve história desta historiografia a fim de delinear, muito brevemente, o estado-da-arte no século XX. Este delineamento é necessário para contextualizar os estudos dos últimos dez anos.

* * *

O ceticismo em geral, e o ceticismo no Renascimento em particular, começa a ser objeto de estudos historiográficos na segunda metade do século XVII com o surgimento do cartesianismo. O primeiro livro contendo uma história do ceticismo incluindo céticos posteriores ao helenismo é o *De Scepticismo pars prio* (1652) de Martin Schoock (1614-1669). Schoock trata brevemente de alguns dos principais céticos renascentistas: Gianfrancesco Pico della Mirandola, Henricus Cornelius Agrippa de Nettesheim e Francisco Sanches. Pode parecer estranho o fato de Schoock

não se referir a Montaigne, unanimemente considerado hoje o principal cético renascentista. A não inclusão de Montaigne deve-se provavelmente à influência cartesiana no enfoque do ceticismo por parte de Schoock. O holandês parece ignorar a tradição propriamente cética francesa inaugurada por Montaigne e Charron e bastante atuante na ocasião mesma da publicação do seu livro em pensadores como La Mothe Le Vayer e Sorbière, hoje chamados de “libertinos eruditos”¹. Dada a novidade recente do cartesianismo e a pouca familiaridade de Schoock com o pensamento francês não escolástico e vernacular, não estava ciente da influência de Montaigne e Charron sobre Descartes. O objetivo principal do *De Scepticismo* não é tanto relatar a história do ceticismo mas refutá-lo a partir de uma perspectiva aristotélica, que defende a validade epistêmica dos sentidos e, anti-cartesiana, que ataca o *cogito*. *De Scepticismo* é uma obra limitada do ponto de vista historiográfico por centrar-se quase que exclusivamente nos *Esboços do Pirronismo* de Sexto Empírico e por estar a serviço de uma polêmica anti-cartesiana. Schoock é co-autor, juntamente com Voet, do *Admiranda Methodus novae philosophiae Renati Des Cartes* (1643), a primeira obra anti-cartesiana. Entre outras acusações, Voet e Schoock responsabilizam Descartes pela re-introdução do ceticismo na filosofia. *De Scepticismo* vem assim comprovar e reforçar esta acusação através de um estudo mais detalhado, do ponto de vista histórico e conceitual desta posição filosófica.

A historiografia do ceticismo antigo e moderno dá um passo decisivo com o *Dicionário Histórico e Crítico* de Bayle. É com Bayle que a historiografia do ceticismo — como a historiografia em geral — começa a ganhar cientificidade. Bayle tem clara preocupação com a verificação de fontes, com a objetividade do seu relato e, sobretudo, tematiza o ceticismo moderno no qual o cartesianismo é fundamental. A perspectiva de Bayle é limitada quanto ao escopo dos céticos examinados. Contrariamente à historiografia renascentista do ceticismo de Schoock, a de Bayle é restrita ao contexto francês. Agripa de Netesheim, por exemplo, figura com certa

1 A denominação decorre da obra influente de René Pintard, *Le libertinage érudit dans la première moitié du 17ème siècle* (Paris: Boivin, 1943). Schoock inclui um cético do século XVII (Gassendi) e ainda filósofos que considera próximos do ceticismo como Cardano.

2 O *De Incertitude* de Agripa de Netesheim tem sido pouco estudado, contrariamente ao *De Occulta*

preeminência no *Dicionário*, mas como o promotor de ciências ocultas e não como cético (embora Bayle conhecesse o *De Incertitude*)². Quanto ao exame dos céticos franceses como Charron e La Mothe Le Vayer, é notável a preocupação de Bayle de defendê-los da acusação de ceticismo irreligioso. Esta defesa reflete de forma evidente acusação semelhante sofrida pelo próprio Bayle, circunstância que conspira contra a objetividade que Bayle quer dar ao exame da posição filosófica dos céticos franceses. Em que pese a estas limitações, o valor historiográfico do tratamento bayleano do ceticismo foi uma das razões de ter sido fonte fundamental dos grandes historiadores alemães do ceticismo, de Jakob Brucker no início do século XVII até Raoul Richter no início do XX, passando por Stäudlin, Hegel e Cassirer. Sobre esta rica tradição historiográfica, posso somente dizer neste resumo que paralelamente à consolidação propriamente histórica e erudita da historiografia do ceticismo, estes filósofos consolidam a historiografia filosófica do ceticismo (neste ponto pouco se distinguindo do padrão inaugurado por Schoock), sempre determinada pelo último dogmatismo alemão: o de Kant no caso de Stäudlin, o anti-idealismo e o próprio hegelianismo no caso de Hegel, o neokantismo no de Cassirer³.

O exame do ceticismo renascentista num viés mais propriamente histórico do que filosófico é levado a cabo no início do século XX na França por Fortunat Strowski,

philosophia. Vittoria Perrone Compagni argumenta, contra Popkin, que Agripa não é um cético, que a incerteza por ele proclamada não atinge todas as ciências, mas sim o aristotelismo escolástico. Sua obra aparentemente cética seria uma justificação indireta da alquimia e das demais ciências ocultas. O artigo de Compagni, “*Tutius ignorare quam scire*: Cornelius Agrippa and Scepticism” será publicado em G. Paganini e J. R. Maia Neto, eds., *Renaissance Scepticisms*.

3 Cf. Carl Fridrich Stäudlin, *Geschichte und Geist des Skepticismus*, 2 vols. (Leipzig: S. L. Crusius, 1794); Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *La relation du scepticisme avec la philosophie* (Paris: J. Vrin, 1986) e *Lecciones sobre la historia de la filosofia*, 3 vols. (México: Fondo de Cultura Económica, 1955), Ernst Cassirer, *El problema del conocimiento en la filosofia y en la ciencia modernas*, 4 vols. (México: Fondo de Cultura Económica, 1948-57), Richter, Raoul. *Der Skeptizismus in der Philosophie*. 2 vols. (Leipzig: Dürr'sche Buchhandlung, 1904/8). Para um exame de alguns destes modelos historiográficos, ver Giovanni Bonacina, *Filosofia ellenistica e cultura moderna. Epicureismo, stoicismo e scetticismo da Bayle a Hegel* (Firenze: Casa Editrici Le Lettere, 1996) e Constance W. T. Blackwell, «Skepticism as a Sect, Skepticism as a Philosophical Stance: Johann Jakob Brucker versus Carl Friedrich Stäudlin» in: J. Van der Zande e R. H. Popkin (eds.), *The Skeptical Tradition Around 1800. Skepticism in Philosophy, Science, and Society* (Dordrecht: Kluwer, 1998), p. 343-363.

Pierre Villey e, sobretudo, Henri Busson⁴. O título do livro de Busson —*Les sources du rationalisme dans la littérature française de la Renaissance*—já indica sua visão do ceticismo renascentista francês como preparação para o surgimento do cartesianismo no século XVII (visão esta, diga-se entre parênteses, não de todo abandonada por Popkin). Verifica-se assim, desde o *De Scepticismo* de Schoock até a edição de 2003 da *História do Ceticismo* de Popkin, a centralidade de Descartes na historiografia do ceticismo. Comparativamente aos estudos historiográficos anteriores, o de Busson deixa a desejar no que concerne o uso e o entendimento das fontes antigas do ceticismo. Não trabalha a diferença entre as tradições acadêmica e pirrônica, não reconhece a importância filosófica e histórica de Sexto Empírico, cujas obras não trabalha diretamente. Busson compreende o ceticismo renascentista em geral—não somente o francês—como marcado pelo aristotelismo heterodoxo de Pomponazi, sobretudo pela conciliação proposta pelo paduano entre o discurso filosófico que não é capaz de dar plausibilidade à imortalidade da alma com o teológico: a chamada doutrina da dupla verdade. O ceticismo renascentista é para Busson o resultado da separação radical entre razão e fé decorrente desta doutrina. A privação de conteúdo racional da religião promovida pelos cétricos logo se volta contra a própria religião, o que faz do ceticismo renascentista mais uma das correntes irreligiosas do período a corroerem o judaico-cristianismo.

A historiografia do ceticismo renascentista passa por uma transformação radical com os trabalhos de Richard Popkin e Charles Schmitt nas décadas de 60 e 70⁵. As principais inovações introduzidas por Popkin-Schmitt são as seguintes: 1- ambos

4 Cf. Fortunat Strowski, *Montaigne* (Paris: F. Alcan, 1906), Pierre Villey, *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne* (Paris: Hachette, 1908) e Henri Busson, *Les sources du rationalisme dans la littérature française de la Renaissance (1533-1601)* (Paris: Letouzet et Ané, 1922).

5 Cf. Popkin, Richard H. *The History of Scepticism from Erasmus to Descartes* (Assen: Van Gorcum, 1960), estendida até Espinosa (Los Angeles: University of California Press, 1979), tradução para o português de Danilo Marcondes de Sousa Filho (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000); Schmitt, Charles. *Gianfrancesco Pico della Mirandola (1469-1533) and His Critic of Aristotle* (The Hague: Martinus Nijhoff, 1967) e *Cicero Scepticus* (The Hague: Martinus Nijhoff, 1972). Uma nova edição da *História do Ceticismo* (de Savonarola a Bayle) foi publicada em 2003 pela Oxford University Press. Esta edição aumenta consideravelmente o escopo dos filósofos do período examinados e discute ampla literatura secundária publicada após a edição de 1979.

estudaram os céticos renascentistas como membros de uma tradição cética e não como meros críticos do aristotelismo, fazendo um uso rigoroso das fontes antigas; 2- nestas últimas, tiveram o cuidado de distinguir as fontes acadêmicas das pirrônicas, privilegiando as fontes mais relevantes de cada uma, os *Acadêmicos* de Cícero e os *Esboços* de Sexto; 3- atentos ao valor propriamente filosófico/analítico dos textos sobre o ceticismo antigo, consideraram que o pirronismo é mais relevante do ponto de vista filosófico do que a Academia; 4- atribuíram uma importância histórica decisiva às traduções para o latim e publicações dos textos de Sexto em 1562 por Henri Etienne (*Esboços do Pirronismo*) e em 1569 por Gentien Hervet (*Contra os Professores*); 5- ambos estavam convictos que com a disponibilidade dos textos de Sexto a influência da Academia, que era bem maior do que a do pirronismo até então, diminuiu significativamente; 6- reverteram a tese de Busson sobre as relações entre ceticismo e religião, considerando o fideísmo como a forma mestra da retomada renascentista do ceticismo (tanto acadêmico como pirrônico)⁶; 7- entronizaram (sobretudo Popkin) Montaigne como pirrônico e fideísta e como o principal cético renascentista e principal responsável pela grande influência do ceticismo na filosofia moderna.

Aponto a seguir aspectos da historiografia recente com referência a estes pontos.

Curiosamente, com exceção de Montaigne, a produção historiográfica recente sobre o ceticismo renascentista é pequena se comparada aos estudos sobre o ceticismo do século XVII e até do XVIII (quando, de acordo com uma visão de Popkin que ele revê somente mais tarde, o ceticismo perderia força). Foi considerando este pequeno volume de estudos sobre o ceticismo renascentista (à parte Montaigne) que eu e o Gianni Paganini resolvemos editar um volume coletivo mais abrangente sobre o ceticismo no período. A presente revisão bibliográfica centra-se nos trabalhos que

6 Fideísmo é um termo anacrônico, mas foi utilizado por Popkin em sentido próprio que ele define na introdução do seu livro. "Those whom I classify as fideists are persons who are sceptics with regard to the possibility of our attaining knowledge by rational means, without our possessing some basic truths known by faith, (i.e. truths based on no rational evidence whatsoever). ... Many of the thinkers whom I would classify as fideists held that either there are persuasive factors that can induce belief, *but not prove or establish* the truth of what is believed, or that after one has found or accepted one's faith, reasons can be offered that explain or clarify what one believes without proving or establishing it." (Popkin 2002, p. xxi).

aparecerão neste volume, na produção brasileira e em alguns livros importantes publicados nos últimos anos. Não tem, portanto, nenhuma pretensão à exaustividade.

A historiografia recente sobre o ceticismo renascentista preserva e aprofunda os ganhos metodológicos 1-3 acima indicados trazidos pela pesquisa de Popkin-Schmitt. Com efeito, a maioria dos estudiosos conhece—ao menos em linhas gerais—os vínculos entre os cétricos renascentistas e os antigos, sendo que vários examinam como o ceticismo renascentista se articula com o antigo, dele se aproximando ou diferenciando. O quarto ponto Popkin/schmittiano destacado—a importância das traduções de Sexto para o impacto do ceticismo no renascimento e no período moderno—é também incontestado. Entretanto, a interpretação Popkin-Schmitt da motivação principal da retomada de Sexto, a saber, o debate da Contra-Reforma, tem sido questionada. Questiona-se, sobretudo, o que aparece em Popkin como uma consequência desta motivação: uma interpretação global do ceticismo renascentista como fideísta, na maioria dos casos como instrumentalizado pelos católicos contra o “racionalismo” reformador. Sobre este ponto (o sexto na lista acima: a reversão da tese de Busson e outros no que concerne a relação entre ceticismo e religião), a historiografia contemporânea tende a relativizar as duas interpretações: o ceticismo renascentista aparece nem como globalmente religioso nem como globalmente irreligioso. Cada autor é um caso diferente num quadro onde os usos possíveis do ceticismo não se restringem à religião (ou irreligião). Esta é a razão de intitularmos o nosso volume de “Renaissance Skepticisms” (no plural). Assim, enquanto Gianmario Cao, o principal estudioso contemporâneo de Gianfrancesco Picco della Mirandola, apresenta uma interpretação do sobrinho do famoso humanista em linhas gerais concordante com a de Popkin/Schmitt (a retomada do pirronismo por Gianfrancesco Pico é anti-humanista e visceralmente marcada pelo projeto religioso profético de Savonarola) (Cao 1994; e [no prelo])⁷; Vittoria Compagni apresenta um Cornelius Agripa de Nettesheim bem diferente do

7 Esta interpretação se beneficiou do trabalho de Floridi citado abaixo que apontou a existência de 5 manuscritos de Sexto em Florença na época de Savonarola. Popkin se vale deste fato e de indicações de um interesse pessoal de Savonarola por Sexto para reforçar sua interpretação na edição recente e ampliada de sua *História do Ceticismo* (POPKIN, 2003, p. 21seg.). Ver também R. Popkin, (1998, p. 9-22).

de Popkin: não um fideísta que ataca todos os esforços racionais humanos, mas, ao contrário, como um defensor de um neo-platonismo dentro de um projeto maior de reforma cultural (contra o aristotelismo) no qual o ceticismo é meramente instrumental (Compagni, [no prelo]).

A tese Popkin-Schmitt é fortemente atacada por Sylvia Giocanti (1998) e Emanuel Naya (Naya, [no prelo]). A primeira centra-se no filósofo que seria para Popkin o principal responsável pela centralidade e riqueza filosófica do fideísmo cético renascentista—Montaigne—e propõe uma interpretação libertina do seu ceticismo. Compreendendo o ceticismo montaigneano como associado a uma concepção antropológica e cosmológica segundo a qual o mundo e o espírito é marcado por uma irresolução, Giocanti argumenta que a fé de forma alguma é um porto seguro de estabilidade alternativo à esta irresolução. Naya, numa tese ainda não publicada, identifica outras chaves de leitura do pirronismo no Renascimento distintas da apropriação fideísta da contra-reforma de Hervet, tradutor dos *Adversus Mathematicos*. Hervet foi também o principal assessor do líder contra-reformador, o Cardeal de Lorraine, a quem dedica sua tradução numa dedicatória que constitui uma espécie de certidão de batismo do pirronismo⁸. A principal leitura alternativa à fideísta hervetiana segundo Naya é a que restitui o pirronismo em sua integralidade e radicalidade anti-dogmática, o que o revela não somente inutilizável para fins apoloéticos, mas mesmo subversivo do cristianismo. Ainda segundo Naya,

8 «Estou convencido que se pode extrair desta obra [de Sexto Empírico] um fruto de grande importância, pois ela mostra claramente que nenhuma disciplina humana é tão sólida que não possa ser abalada, que nenhuma ciência é tão rigorosa que não possa ser atacada por um arsenal de argumentos e razões. Nos complacemos com ciências humanas superficiais que nos enchem de orgulho mas não edificam. Devemos nos aplicar ao estudo da disciplina e da ciência própria aos cristãos. ... baseando nossa fé na revelação que Cristo nos deu. ... A ciência acima de todas, a ciência genuinamente eminente, é aquela pela qual Deus é conhecido pela fé e seu reino é alcançado. ... Além disto, ...ao nos ajudar a refutar com força os filósofos pagãos e estrangeiros, esta obra também nos fornece uma variedade de argumentos contra os heréticos do nosso tempo. Ao medirem com argumentos naturais o que está acima da natureza e pode ser conhecido somente pela fé, eles não compreendem pois não creem. Com efeito, considerando que as coisas que são meramente naturais são tão difíceis de serem conhecidas a ponto de tudo que se pode pensar sobre elas poder ser facilmente revertido, como estranhar o fato das coisas sobrenaturais excederem a apreensão da mente humana?» (Gentien Hervet, carta dedicatória de sua tradução do *Adversus Mathematicos* ao Cardeal de Lorraine, traduzida com revisões da tradução francesa de Alain Legros publicada no *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne* 8 (1999): 56-57).

diferentemente da edição de Hervet, a de Etienne revela nas notas e na dedicatória ao humanista Henri Memius estas outras apropriações do pirronismo antigo (por exemplo, o caráter terapêutico do pirronismo e sua eficácia para o próprio Estienne)⁹, embora na sua superfície possa dá a entender uma adesão à instrumentalização fideísta do ceticismo. Montaigne reuniria nos *Essaios* estes dois modelos, mas como no caso de Estienne—que teria influenciado sua leitura de Sexto mais do que Hervet—a leitura não-(e mesmo i)-religiosa seria a fundamental¹⁰.

Como Naya, Irena Backus propõe uma restrição da tese Popkin/Schmitt, mas diferentemente do estudioso francês, restringe-a justamente a Montaigne e seus seguidores. Backus exclui os debates entre Erasmo e Lutero e entre este e Castelio do campo cético renascentista, contestando assim uma tese central de Popkin. Com efeito, o autor da *História do Ceticismo* vê em Erasmo os traços do ceticismo fideísta que se desenvolve de Montaigne a La Mothe Le Vayer, em Lutero a prefiguração teológica do novo dogmatismo (o cartesianismo) e em Castelio a prefiguração no campo religioso do ceticismo mitigado que se torna central em Gassendi, Mersenne, Locke e Boyle como a filosofia da nova ciência experimental. As posições de Erasmo, Lutero e Castelio prefiguram assim, segundo Popkin, as três posições principais face ao ceticismo na filosofia moderna. Na visão dissidente de Backus o debate de Erasmo com Lutero não veicula nem implica ceticismo algum e mesmo Castelio se afasta do fideísmo do *De haereticis* para valorizar os sentidos e a razão no *De arte dubitandi*.

Voltando a Naya e Giocanti, ambos concordam com Popkin e Schmitt que o pirronismo é a tradição cética mais relevante no Renascimento após as traduções e publicações de Sexto. Este ponto é consensual entre os estudiosos de hoje sendo que o nosso conhecimento da retomada do pirronismo no Renascimento cresceu muito com o trabalho de Floridi (2002) e crescerá mais quando os de Naya saírem do

9 Henri Estienne relata uma doença decorrente do intenso trabalho humanista de tradução e comentário que o teria deixado com aversão às letras. Uma leitura casual dos *Esboços do Pirronismo* de Sexto fê-lo rir de tal forma que o curou da doença e da aversão. Esta carta dedicatória foi traduzida e publicada em francês por Emanuel Naya (2001, p. 95-96).

10 Naya publicou recentemente um comentário sobre alguns trechos dos *Essaios* de Montaigne (Naya 2006) e tem no prelo um estudo de mais fôlego (*La "Loy de pure obissance": le scepticisme à l'essai chez Montaigne* (a ser publicado pela Honoré Champion)

prelo. Floridi faz um inventário detalhado e um estudo crítico de todos os manuscritos de Sexto disponíveis no Renascimento que estão preservados em várias bibliotecas europeias. O levantamento indica um número de manuscritos bem superior ao conhecido por Popkin e Schmitt. O trabalho de Naya complementa o de Floridi pois centra-se nas fontes não sextianas do pirronismo como Diogénes Laércio e a patrística. Ambos os trabalhos mostram que a difusão do pirronismo, embora pequena se comparada com a de outras escolas filosóficas antigas, foi bem maior do que até então se supunha¹¹.

A importância de Montaigne como cético, incomparável a de qualquer outro cético renascentista (o sétimo e último ponto das contribuições popkinianas à historiografia do ceticismo renascentista acima listadas) é outro legado de Popkin incontestado na historiografia recente. Há uma profusão impressionante de estudos sobre o ceticismo de Montaigne, no Brasil¹² e no exterior: trabalhos monográficos, coletâneas quase que integralmente dedicadas ao tema, inúmeros artigos e capítulos de livros dispersos¹³. Embora as interpretações do ceticismo em Montaigne sejam bem variadas, prepondera a tendência em apontar o pirronismo como o ceticismo mais relevante, ainda se for para enfatizar contrastes¹⁴. Assim, se a interpretação fideísta de Montaigne de Popkin tem sido objeto de muita crítica, reina quase absoluta sua visão da centralidade do pirronismo para este ceticismo¹⁵.

11 Popkin inclui os principais resultados da pesquisa de Floridi no seu capítulo sobre a redescoberta de Sexto no Renascimento na nova edição da *História do Ceticismo* (Popkin 2003, p. 17-19).

12 No Brasil já trabalharam ou estão trabalhando sobre o ceticismo em Montaigne: Luis Azar Filho, Plínio Junqueira Smith, Luiz Eva, Telma Birchal, Sérgio Cardoso, Danilo Marcondes de Sousa Filho e José R. Maia Neto.

13 Limito-me a citar livros monográficos e coletâneas. Além dos dois livros de Naya sobre Montaigne e o de Giocanti acima citados, Telma Birchal, intitulado *O eu nos Ensaios de Montaigne* (a ser publicado pela Editora da UFMG), Frédéric Brahami (1997; 2002), Vincent Carraud e J.-L. Marion (2004); Luiz A. A. Eva (2004), Marie-Luce Demonet e Alain Legros (2004), Jan Miernowski (1998).

14 Cf. Charles Larmore (2004, p. 15-31), Sylvia Giocanti (2001) e Frédéric Brahami (2001, p. 121-131). Dentre estas publicações merece destaque as de Brahami por tematizarem uma ruptura bastante radical entre o pirronismo antigo e o ceticismo moderno em Montaigne, Bayle e Hume. O ceticismo destes últimos seria marcado por uma destruição da razão decorrente da origem teológica deste ceticismo. Apresento uma crítica tanto desta interpretação como da interpretação de Sylvia Giocanti (2005, p. 9-36).

15 Elaine Limbrick tem apontado a importância da Academia em Montaigne mas para justificar um Montaigne não cético, um Montaigne agostiniano. Ver da estudiosa, entre outras publicações, o artigo «Was Montaigne Really a Pyrrhonian?», in: *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance* 39 (1977), p. 67-80. Luiz Eva é um estudioso do ceticismo de Montaigne que, embora privilegiando a matrix pirrônica,

Um campo bastante interessante que se abre ao ceticismo renascentista é o literário. Estudos sobre Rabelais, Shakespeare e Cervantes indicam a difusão de perspectivas céticas na grande literatura renascentista¹⁶. Outra frente que se abre aqui mesmo no Brasil é sobre Francis Bacon, interpretado por Popkin como um anti-cético. Um livro de Bernardo Jefferson de Oliveira, um artigo do mesmo estudioso em co-autoria comigo e um artigo do Luiz Eva mostram que o caso de Bacon é mais complexo. Bernardo Oliveira parte da importância em Bacon do argumento do criador, argumento cético pouco explorado pelos estudiosos do ceticismo — uma exceção é Danilo Marcondes de Sousa Filho (1998, p. 111-124) — mas central na retomada do ceticismo nos séculos XVI e XVII, para propor uma associação íntima entre uma crítica cética à ciência tradicional de tipo aristotélica com uma virada tecnológica do saber, ao menos parcialmente consistente com o ceticismo pirrônico (cf. Oliveira 2002). No nosso artigo, buscamos apontar outras afinidades de Bacon com céticos contemporâneos e explicitar algumas raízes baconianas do ceticismo mitigado de Boyle e Glanvill (cf. Oliveira e Maia Neto [no prelo]). Luiz Eva, por sua vez, mostra uma grande afinidade entre a teoria dos ídolos e o pirronismo, que Bacon pode ter conhecido — se não via Sexto — certamente via Montaigne (cf. Eva 2006, p. 73-97).

Entretanto, o modelo do ceticismo de Bacon é o acadêmico e com isto quero concluir o exame das contribuições Popkin-schmitianas para a historiografia do ceticismo renascentista chamando atenção para a necessidade de revermos o ponto 5 da lista acima, a saber, a tese que após as publicações de Sexto os *Acadêmicos* de Cícero e o ceticismo acadêmico perdem influência. Nesta direção cabe citar os trabalhos de Lorenzo Casini sobre Vives¹⁷, os de Levy e Laursen sobre Pedro de

aponta uma valorização maior do ceticismo acadêmico na segunda edição da *Apologia*. Um trabalho sobre a importância do ceticismo acadêmico em Montaigne num viés até onde sei inexplorado é o proposto por Nichola Panichi (Panichi [no prelo]). Panichi examina a importância da leitura acadêmica de Sócrates por Plutarco sobretudo no terceiro livro dos *Ensaíos*.

16 Cf. William M. Hamlin (2005), Gustavo Bernardo Krause (2006) e Emanuel Naya (1998).

17 Cf. Lorenzo Casini (Casini [no prelo]). Vives é um autor importante que nao tem sido relacionado à história do ceticismo (com exceção de José A. Fernández Santamaría, *Juan Luis Vives: Esceptismo y prudencia en el Renacimiento*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1990). O trabalho de Casini

Valencia¹⁸, e um meu sobre Charron (Maia Neto [no prelo]). O caso de Charron é emblemático por questionar diretamente a tese Popkn-Schmitt da substituição da Academia pelo pirronismo após as traduções de Sexto e sua repercussão por Montaigne. (Pois Vives é anterior a Montaigne e é difícil saber se e em que condições Pedro de Valencia poderia conhecer Sexto). Charron é um discípulo de Montaigne, para alguns, “plagiador”, que se afasta do pirronismo do mestre e se volta para a Academia, cujos elementos principais ele encontra no próprio Montaigne. Charron desenvolve uma concepção de sabedoria tipicamente acadêmica (tal como transmitida por Cícero) que consiste no tripé obscuridade das coisas, fraqueza dos sentidos e necessidade do sábio se preservar do erro. Como supomos—em grande parte por causa de Popkin— que o ceticismo moderno deriva basicamente do pirronismo montaigneano, não nos damos conta da enorme importância do ceticismo acadêmico na filosofia moderna¹⁹, cujo principal veículo transmissor foi o *De la Sagesse* de Charron. Aspectos fundamentais da sabedoria cética acadêmica elaborada nesta obra aparecem em Gassendi, em La Mothe Le Vayer, em Descartes, em Pascal, em Locke, para citar só os mais conhecidos. Precisamos então retomar o trabalho iniciado por Schmitt. Em primeiro lugar, dando continuidade aos estudos dos céticos acadêmicos do Renascimento que ele trabalhou. Penso, sobretudo, no caso de Omer Talon, totalmente ignorado desde o livro de Schmitt, mas que pode ter exercido influência relevante no ceticismo francês do XVII. Em segundo lugar, precisamos prolongar este estudo pelos séculos XVII e XVIII (não podemos nos esquecer que Hume se vê como pertencendo a uma tradição cético-acadêmica), reconhecendo assim que a difusão do pirronismo via Sexto, ao invés de diminuir, de fato aumentou o interesse pela Academia.²⁰

mostra a importância em Vives do ceticismo acadêmico no tema do conhecimento (ou falta dele) de si.

18 Cf. Carlos Levy (2001, p. 174-187) e John-Christian Laursen (Laursen [no prelo]).

19 Roberto Bolzani é um estudioso, sobretudo, do ceticismo antigo que percebe a importância específica do ceticismo acadêmico na filosofia moderna (cf. Bolzani Filho 1998, p. 57-110).

20 Também no sentido de valorizar as fontes acadêmicas do ceticismo renascentista podem ser citados estudos recentes sobre Francisco Sanches, inclusive um ainda inédito realizado no Brasil pelo Paulo Margutti («Francisco Sanches: o pensador e sua influência sobre o pensamento filosófico brasileiro») que será apresentado na UFMG no colóquio sobre o legado historiográfico de Popkin nos estudos sobre o ceticismo moderno em outubro de 2007. Este trabalho do Margutti é de grande relevância no contexto da filosofia brasileira pois Margutti considera o ceticismo de Sanches como paradigmático do pensamento filosófico do Brasil colônia. Ver também sobre Sanches, Bernard Besnier (Besnier [no prelo]).

ANEXO I

Estudos recentes sobre o ceticismo renascentista: 1997-2007

- BIRCHAL, Telma. *O eu nos Ensaios de Montaigne* (a ser publicado pela Editora da UFMG).
- BIRCHAL, Telma. “Fé, razão e crença na Apologia de Raymond Sebon: somos cristãos como somos perigordinos ou alemães?”, in: *Kriterion* 46:111 (2005), p. 44-54.
- BESNIER, Bernard. „Sanchez à moitié endormi“, in: MOREAU, P-F. (ed.), *Le Scepticisme au XVIe et XVIIe siècles* (Paris: Albin Michel, 2001), p. 102-120.
- BRAHAMI, Frédéric. *Le scepticisme de Montaigne* (Paris : PUF, 1997).
- BRAHAMI, Frédéric. *Le Travail du Scepticisme. Montaigne, Bayle, Hume* (Paris: PUF, 2001).
- BRAHAMI, Frédéric. „Des Esquisses aux Essais. L'enjeu d'une rupture“, in : MOREAU, P-F., *Le Scepticisme au XVIe et XVIIe siècles* (Paris: Albin Michel, 2001), p. 121-131.
- BOLZANI FILHO, Roberto. «Acadêmicos versus Pirrônicos: Ceticismo Antigo e Filosofia Moderna», IN : *Discurso* 29 (1998), p. 57-110.
- CARRAUD, Vincent e MARION, J.-L. (eds.). *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie* (Paris : PUF, 2004).
- CASINI, Lorenzo. «Self-Knowledge, Skepticism and the Quest for a New Method: Juan Luis Vives on cognition and the impossibility of perfect knowledge», in: G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Scepticisms* [no prelo].
- CAO, Gianmario. “Gianfrancesco Pico and Skepticism”, in: G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Scepticisms* [no prelo].
- CAO, Gianmario. “L’eredità pichiana: Gianfrancesco Pico tra Sexto Empirico e Savonarola”, in: VITI, P. (ed.). *Pico Poliziano e l’Umanesimo di fine Quattrocento* (Florence: Olschki, 1994), p. 231-245.
- CAO, Gianmario. “The Prehistory of Modern Skepticism: Sextus Empiricus in Fifteenth-Century Italy”, in: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 64 (2001), p. 229-279.
- COMPAGNI, Vittoria Perrone. “*Tutius ignorare quam scribi*: Cornelius Agrippa and Skepticism”, in: G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Scepticisms* [no prelo].
- DEMONET, Marie-Luce e LEGROS, Alain (eds.), *L’Ecriture du scepticisme chez Montaigne* (Genève: Droz, 2004).
- EVA, Luiz A. *Montaigne Contra a Vaidade. Um estudo sobre o ceticismo na Apologia de Raimond Sebond* (São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2004).
- EVA, Luiz A. “Sobre as afinidades entre a filosofia de Francis Bacon e o ceticismo”, in: *Kriterion*, 47:113 (2006), p. 73-97.

- FLORIDI, Luciano. *Sextus Empiricus: The Transmission and Recovery of Pyrrhonism* (Oxford: Oxford University Press, 2002).
- GIOCANTI, Sylvia. “Histoire du fidéisme, histoire du scepticisme?” in: *Revue de Synthèse* 119 (1998), p. 193-210.
- GIOCANTI, Sylvia. *Penser l’irrésolution. Montaigne, Pascal, La Mothe Le Vayer. Trois itinéraires sceptiques* (Paris: Honoré Champion, 2001).
- GRANADA, Miguel. «Apologétique platonicienne et apologétique sceptique: Ficin, Savonarole, Jean-François Pic de la Mirandole», in: MOREAU, P-F. (ed.), *Le Scepticisme au XVIe et XVIIe siècles* (Paris: Albin Michel, 2001), p. 11-47.
- HAMLIN, William M. *Tragedy and Scepticism in Shakespeare’s England* (Hampshire: Saint Martin Press, 2005).
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. *Verdades Quixotescas* (São Paulo: Annablume, 2006).
- LARMORE, Charles. “Un scepticisme sans tranquillité: Montaigne et ses modèles antiques”, in: CARRAUD, Vincent e MARION, J.-L. (eds.). *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie* (Paris : PUF, 2004), p. 15-31.
- LAURSEN, John-Christian. «Pedro de Valencia and Academic Skepticism in Late Sixteenth-Century Spain», in: G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Skepticisms* [no prelo].
- LEGROS, Alain. “La Dédicace de *l’Adversus Mathematicos* au Cardinal de Lorraine ou du bon usage de Sextus Empiricus selon Gentien Hervet et Montaigne», in: *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne* 15-16 (1999), p. 51-72.
- LEVY, Carlos. «Pierre de Valence, historien de l’Académie ou académicien?», in : MOREAU, P-F. (ed.). *Le Scepticisme au XVIe et XVIIe siècles* (Paris: Albin Michel, 2001), p. 174-187.
- LUPOLI, Agostino. «Humanus animus nusquam consistit: doctor Sanchez’s diagnosis of incurable human unrest and ignorance», in: G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Skepticisms* [no prelo].
- MAIA NETO, José R. “Charron’s Academic Skeptical Wisdom», in: G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Skepticisms* [no prelo].
- MAIA NETO, José R. “Ceticismo e Crença no Século XVII”. In : *Manuscrito* 28:1 (2005), p. 9-36.
- MAIA NETO, José R. «Epoche as Perfection: Montaigne’s View of Ancient Skepticism», in: MAIA NETO, José R. e POPKIN, R. H. (eds.). *Skepticism in Renaissance and Post-Renaissance Thought: New Interpretations* (Amherst, N.Y.: Humanity Books, 2004), p. 13-42.
- MARGUTTI PINTO, Paulo. “Francisco Sanches: o pensador e sua influência sobre o pensamento filosófico brasileiro” (inédito).

- MIERNOWSKI, Jan. *l'Ontologie de la contradiction sceptique* (Paris: Honoré Champion, 1998).
- MOREAU, P-F. (ed.). *Le Scepticisme au XVIe et XVIIe siècles* (Paris: Albin Michel, 2001).
- NAYA, Emanuel. *Essais de Michel Seigneur de Montaigne* (Paris : Ellipses, 2006).
- NAYA, Emanuel. «Traduire les *Hypotyposes pyrrhoniens* : Hernri Estienne entre la fièvre quarte et la folie chrétienne», in: MOREAU, P-F. (ed.). *Le Scepticisme au XVIe et XVIIe siècles* (Paris: Albin Michel, 2001), p. 48-101.
- NAYA, Emanuel. *La «Loy de pure obeissance»: le scepticisme `a l'essai chez Montaigne* (a ser publicado pela Honoré Champion).
- NAYA, Emanuel. «Renaissant Pyrrhonism: a relative phenomenon», in : G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Skepticisms* [no prelo].
- NAYA, Emanuel. *Le Phénomène Pyrrhonien: lire le scepticisme au XVIe. Siècle* (a ser publicado pela Honoré Champion).
- NAYA, Emanuel. *Rabelais: une anthropologie humaniste des passions* (Paris: PUF, 1998).
- OLIVEIRA, Bernardo J. de. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002).
- OLIVEIRA, Bernardo J. de e MAIA NETO, José R. “The Sceptical Evaluation of *Techné* and Baconian Science», in : G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Skepticisms* [no prelo].
- PAGANINI, Gianni. “Montaigne, Sanches et la connaissance par phénomènes. Les usages modernes d’un paradigme ancien», in : CARRAUD, Vincent e MARION, J.-L. (eds.). *Montaigne: scepticisme, métaphysique, théologie* (Paris : PUF, 2004), p. 107-135.
- PANICHI, Nichola. «A Skepticism that Conquers the Mind. Montaigne and Plutarch», in : G. PAGANINI e J. R. MAIA NETO (eds.), *Renaissance Skepticisms* [no prelo].
- POPKIN, Richard H. *The History of Scepticism from Savonarola to Bayle*. Oxdord: Oxford University Press, 2003.
- POPKIN, Richard H. *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*, trad. Danilo Marcondes de Sousa Filho (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000).
- POPKIN, Richard H. “Savonarola e Cardeal Ximenes: pensadores milenaristas e atores às vésperas da reforma”, *Kriterion* 39:97 (1998), p. 9-22.
- SMITH, Plínio J. «A Contribuição de Montaigne para o Ceticismo» in P. J. Smith, *Ceticismo Filosófico* (São Paulo, Curitiba: EPU, Editora UFPR, 2000), p. 51-80.
- SOUSA FILHO, Danilo Marcondes. “Skepticism and language in early modern thought”, in: *Language and Communication*, 18 (1998), p. 111-124.
- YRJÖNSUURI, Mikko. “Self-Knowledge and Renaissance Sceptics” in Sihvola, Juha, ed., *Ancient Scepticism and the Sceptical Tradition* (Helsinki: Acta Philosophica Fennica, 2000), p. 225-253

ANEXO II

Tábua cronológica do ceticismo renascentista

1430 (publ. em 1472)	<i>De clarorum philosophorum vitis</i> de Diógenes Laércio, trad. por Traversari
1440	<i>De docta ignorantia</i> de Nicolau de Cusa
1471	<i>Opera philosophica</i> de Cícero
1511	<i>Laus stultia</i> de Erasmo
1520	<i>Examen vanitatis doctrinae gentium</i> de Gianfrancesco Pico
1524	<i>De libero arbitrio</i> de Erasmo
1525	<i>De servo arbitrio</i> de Lutero
1530	<i>De incertitudine et vanitate scientiarum</i> de Agrippa von Nettesheim
1535	Primeira edição separada dos <i>Academica</i> de Cícero
1538	<i>De anima et vita</i> de Juan Luis Vives
1547	<i>Academia</i> de Omer Talon
1554	<i>De haereticis</i> de Castellio
1562	<i>Pyrrhoniarum Hypotyposes</i> de Sexto Empírico, trad. por Henri Estienne
1563	<i>De arte dubitandi</i> de Castellio
1569	<i>Adversus Mathematicos</i> de Sexto Empírico, trad. por Gentien Hervet.
1576	(publ. em 1581) – <i>Quod nihil scitur</i> de Francisco Sanches
1580, 1588, 1595	<i>Essais</i> de Montaigne
1596	<i>Academica</i> de Pedro de Valencia
1601, 1606	<i>De la Sagesse</i> de Charron
1605, 1623	<i>Of the Dignity and Advancement of Learning</i> de Bacon.
1620	<i>Novum Organum</i> de Bacon.

